

50 POEMAS ESCOLHIDOS DE ELMAR CARVALHO



AUTOBIOGRAFIA ZODIACAL

Sou do signo de
Carneiro

Mas meu coração é um
 Touro indomável
No meu sangue
corre a fúria de
 Leão
Entre uma Virgem e duas
 Gêmeas
Meu coração / bala
 Balança
Sou um Câncer
nos chifres de
 Capricórnio
Sou Peixes libertário
sem o cárcere de um
 Aquário
Sou Sagitário
 a
 r
 m
 a
 arco e flecha
 d
 o
 d
 e

(A flecha é uma cauda de Escorpião)

A PONTE NA MEMÓRIA

O vento passavoante
 pássaro voante
sob o arco-da-velha
sob o arco da ponte.
Baloiça os pés de oitis,
joga confete com suas folhas
e empurra o casario antigo
com suas: arcadas dóricas
 volutas jônicas
 ogivas góticas
 sacadas exóticas
com suas parábolas e abóbadas.
O vento passalígero passalísio
e empurra o casario antigo
que navega parado
no tempo que navega

como um mar que navegasse
sob um navio ancorado
que se deixasse navegar.
Meu sonho de malas prontas
é passageiro e tripulação
do casario – navio que navega
ao se deixar navegar.

O SEXO DOS ANJOS

Que temos a ver
com o sexo antisséptico
dos inatingíveis e intangíveis
anjos das hostes celestiais?
Que temos a ver
com os anjos machos e fêmeas
de falos decepados e de
vaginas obturadas?
(A ânsia por asas e
a sede de infinito.)

EMOÇÃO NO CIRCO

Para João Miguel e Elmara Cristina

Pelas mãos tenras
de meus filhos
a magia do circo me chegou.

Atropelado por emoção e saudade
meu coração foi atirado de
lado a lado
pelas piruetas de
capetas e palhaços
infiltrou-se nos malabares
e me trouxe meu pai e o circo
encantado de minha infância.

As lágrimas escorriam
e eram estrelas e vaga-lumes
que pingavam da cartola
ensopada de um mago...

A lembrança de meu pai
assomou da sombra do passado

suavemente sentou-se ao meu lado
tomou-me as mãos
as mãos de uma criança.

MOISÉS

Escravo,
não sou escravo da submissão
e meu último adeus será uma corrida
com os pés fora da corda-bamba.
Escreverei
um manifesto assinado
com o sangue de cada um,
com o suor de todos,
todos mocinhos
de um filme sem mocinhos.
Escarnecerei
os muros e os tetos das prisões
porque são exceções de um regime de
exceção.
Escangalharei
as portas do céu
e os portões do inferno
e soltarei a liberdade.

Parnaíba, 02.04.78

AMARANTE

doce amaro
 pródigo
 avaro amarante
 ante-amar-te
 anti-amar-te
antes sempre após
agora
sem agouro sem demora
sem pressa e sem presságio
 pé ante pé
 perante tuas casas sonolentas
diante das fráguas das serras
que descerras em cortinas de azuis
 descortinas neblinas
na paisagem – plumagem/brumagem fixada
na retina retentiva redentora do poeta

amarante
amaranto de
memórias atávicas de catimbós
murmúrios ancestrais de urucongos
requebros lascivos de velhos congos
resquícios longínquos de quilombos
encravados em abissais cafundós
dos antepassados cativos altivos dos mimbós
perante ti
amarante
a água escorre lacrimal
pela sinuosidade do morro da saudade
deságua na desembargador amaral
e de val em val
de sal em sal
boceja nas bocas de lobo dos esgotos
gargareja nas gargantas gosmentas dos gargalos
mergulha e deriva singular
nas águas plurais do parnaíba
amarante
perante ti
imperante
o vento verdeja agreste nos ciprestes
rumoreja aguado nos aguapés
sacoleja sem leste oeste
a copa fagueira das faveiras
tuas tardes tardas dolentes amaras
abres das janelas
debruçadas em melancolias
e alicias e (re)velas
as moças nas modorras mormacentas macilentas
em que delicias cilicias e acalentas ...

CÂNTICO DO CORPO AMADO

Teus cabelos
às vezes são filigranas escorridas
tecidas em pura maciez.
Às vezes são algas e caracóis
encrespados em ondas e espumas
esculpidas pelo vendaval.

Tua tez
revestindo a superfície
veludosa e bela de tua carne

é película de esplêndida
fruta tropical.

Teus olhos
às vezes sombrios
pelos enigmas e mistérios
de tua alma de mulher
às vezes resplandecentes
pelo relâmpago do riso
são dois lagos – calmos ou agitados –
em que os meus imergem e se perdem.

Tuas orelhas
são conchas
em labirinto de perfeito lavor
e nelas escutas e escuto as vozes
dos búzios e o chamado do mar.

Teu nariz
ergue-se em cordilheira
e de suas cavernas
emerge o vento de teu respirar.

Tuas sobrancelhas
são arcadas góticas
e teus cílios tessituras persas
do frontispício de teu altar.

A tua boca
onde as palavras lavras
em forma de canção
são retábulos e ornatos
do sacrário de teu ser.

Teus sorridentes lábios entre-
mostram o dique/arrecife
de concha, ostra e coral
do límpido colar dos dentes.

Pedestal firme e flexível
de teu rosto é o teu pescoço
- belo e singelo colosso.

Teus braços
são baraços que

enforcam e fascinam
serpentes que
atraem e traem.

Tuas mãos
são plumas e verrumas:
afagam e esmagam.

Teus seios
alçados em sublime formosura
de tenras carnes e tênues epidermes
são Olimpos
que meus dedos alpinistas escalam
para (re)colher o hidromel
no céu dos mamilos sensitivos.
Os pomos
de teus seios tomo
e eles me encham as mãos.

Pelas dunas do deserto
de teu ventre fértil e belo
encontro o oásis na cacimba
de teu umbigo em que naufrago
perigo e me embriago.

De teu umbigo
minhas mãos e meus olhos
correm e escorrem
pelas vertentes e grotões
de tuas passagens/paragens
mais secretas e seletas
e se saciam
no frescor de tuas nascentes,
onde estão o lodo e o húmus
de um Nilo todo dádiva.

Na tecelagem da púbis
- tapete mágico de penugem e babugem –
e na fenda dos lábios
que são pétalas e conchas
recende a maresia
que reacende a velha flama
de um deus pagão.

Minhas mãos apalpam

de tua coluna (grega) dorsal
e se perdem na voragem/miragem
das ondas revoltas
de teus cabelos.

Te. Dez.89

ELEGIA DO AMOR FINAL

Teus braços
que poderiam
tudo me dar
num simples abraço
se fecharam para sempre
para mim.
E teus seios perfumados
teus lindos seios sedosos
não mais me abrigarão
e neles não mais porei
minha boca sequiosa.
E teus olhos que
poderiam devassar e possuir
meu ser interior
mesmo que me fitassem
não mais me veriam porque
para mim para sempre
se fecharam com suas longas
pálpebras de sonho e de medo.
E tuas belas mãos
tuas delicadas mãos para mim
se fecharam e me esmurraram.
E teus lábios
teus lindos lábios
emudecerem e se fecharam
num longo beijo sempre negado.
E teu sexo
me foi sempre uma
concha eternamente fechada.
E teus cabelos
à brisa eram lenço
acenando em despedida.

PAISAGEM MARINHA

Fecho os olhos

e encosto a concha do búzio
na concha de minha orelha
e escuto o ritmo frenético
do mar
ou lhe ouço o rouco ronco rolado
de ondas paradas.
Fecho os olhos e escuto
a voz do búzio
e de dentro de sua concha
de cornucópia surgem
ondas, espumas e areias,
peixes, corais e caracóis,
alados cavalos-marinhos
e estrelas-do-mar e do ar
em galáxias de a(r)mar.
(Meu coração
marinho sonha com sereias,
ilhas, coqueiros e veleiros.)
De dentro
da concha do búzio
sai um vento
recendente de maresia
que me
leva/lava/lavra
como se eu fora um
fruto do mar.

A CASA NO TEMPO

A casa vive em mim
com os seus grandes medos
e grandes sobressaltos
com os seus porões
e os seus alçapões cheios de ratos
e gradeados por grandes teias de aranha.
A casa vive em mim
com seus insetos nojentos
e com suas aranhas
desenhando circunlóquios
através das circunferências das teias
repletas de arabescos e rococós.
A casa vive em mim.

Vive em mim
com seus gemidos

de fantasmas que
arrastam correntes
por entre ais doloridos.
Vive em mim
com suas lamentações de suicidas
que gemem e gemem.
Vive em mim
com os ruídos de passos misteriosos
com suas portas e
janelas que se abrem
e fecham por mãos invisíveis.
Vive em mim
com os ruídos cadenciados
de botas que passam
passam no limiar
do grande mistério
entre o ser e o
não ser.
A casa é um navio fantasma
que navega no tempo e na memória
com seus pios de corujas
e seus arrepios de
esvoaçantes morcegos e
esgarçantes rasga-mortalhas.

Ai, casa dolorosa
de infinitas recordações
do não acontecido e
do não vivido.
Casa que não existiu
mas que permanece de pé
em minha lembrança
com seus escombros
com tuas teias de aranhas
com seus lodos desbotados
e com suas heras que se fecham
como dedos, tentáculos ou raízes
para que ela permaneça para sempre
com seus sustos, com suas angústias
e seus medos.
A casa sempre persistirá
nas músicas passionais de algum boteco
criando ressonâncias que repercutem
insistentemente como eco.

OLHOS

Olhos de lã
e de lâminas.
Olhos de punhos de seda
e de punhais de aço.
Olhos de ver
e de verruma.
Olhos de amar
e de amargor.
Olhos de fada cruel
e de fado terno.
Olhos que me deram o céu
e o inferno.
Olhos de antítese:
eram bálsamo
e me fizeram mal.

O BÚZIO

o búzio
- pequeno castelo
ou gótica catedral -
sobre a mesa avança
envolto em ondas e vendaval

anda ondulante
onda cavalgante
onda ante onda

atraído pelo chamado
do mar avança
chamado que carrega
nas espirais e labirintos
de sua concha côncava

avança e
lança sobre mim
a tessitura exata
de sua arquitetura
abstrata e surreal

avança
unicórnio lendário
protuberante

rinoceronte bizarro
surfista extravagante
em forma de chapéu

lentamente
avança co-movido
pelo chamado das ondas
que em si encerra
em seu ventre vazio
onde o vento em voluteios
é a própria voz do mar

oh, búzio caprichoso
como as curvas e volutas
de um corpo de mulher...

Inhuma, 29.07.98 – 06:00h

MULHER NA LAGOA DO PORTINHO

Na tarde antiga
de sol e bruma
de luz e penumbra
as dunas mudaram
de cores e formas.

Os belos olhos esplendentes –
pálidas cálidas opalas ou
esmeradas esmeriladas esmeraldas –
da mulher bonita
de sinuosas dunas e viagens
furta-cores furtaram
outros tons e sobretons.

Ainda guardo a memória viva
daquela tarde morna e morta
e ainda vejo aqueles olhos vivos
furtando furtivos cores e atenção.

E os olhos e as formas curvilíneas
permanecem intactos no tempo
que em mim não passou.

E a mulher, acaso passou,
nos escombros das formas

transitórias da beleza?...

NOTURNO EM DOR MAIOR

na noite ca'lad(r)a
um cão ladra
sem resposta
um galo canta
sem o eco doutro galo
um vaga-
lume vaga
sem lume
vaga-
rosa/mente
demente
na noite vaga
uma ave
noctívaga
navega
na vaga
do m'ar sem movimentos
nos cataventos
sem ventos
e de mirantes
sem mira/gens
a morte espreita
nos olhos vidrados
do enforcado.

ENIGMA

entre o som
o sono
o sonho
a sombra e a sobra
eu me decomponho
em escombros
em farpas e agulhas
escarpas e fagulhas
desfeito enfim
em fogos de artifício
feito estrelas de mim
esfinge autoantropofágica que
não se decifrou e que a si
mesma se devorou

MAR(ULHO) NO TABOCAL

Manhosa
manhã de domingo.
Sorvendo
solvendo uma cerveja
estupidamente gelada
sob a sombra redonda
redoma levemente
verde-transparente
o sol ruiva
o vento uiva
 ondula e marulha
nas afiadas espadas e agulhas
 do tabocal
e me emerge um mar
 imerso no temporal
quebrado nos arrecifes
 esvaído no tempo
e nas distâncias esquecidas.

Te. 23.06.91

A FOME

I

 a fome
que come
e consome
o “home”
 mora
em sua víscera sonora
 e o devora
 como uma flora
 cancerosa
 rosa carnívora
 que aflora e o deflora
de dentro para fora.

II

a fome é tanta
e tanto espanta

que o ex-grevista de fome
hoje é grevista com fome
– ou melhor – desempregado
pregado na miséria

de ser gado sub/ju/gado
fis/gado vis/gado k/gado

EGOCENTRISMO

espirrei
na réstia de luz
da janela do meu quarto
e fiz surgir um
arco-íris
arco-do-triunfo
sob o qual
napoleonicamente passei
sobre o qual caminhei
em busca do
velocino de ouro
coroadado com o
l'ouro
de minha própria
alquimia

TRABALHO DE CESTARIA E RENDA

tramas e tramóias
arma(dilha) a(r)mada
a(r)mada arma(dilha)
entocadas nas tocaias

amantes amadas
amando (tr)amando
entre teias e r'amas
com as armas a(r)madadas

entre rendas e redes
a engrenada moenda
do amor entrelaçado

faz uma teia de renda
em forma de rede de pe(s)car
e me amor(tece) e me amor(daça)

SEX-APPEAL

Movo até o teu
meu amoroso coração
- ânfora de lágrimas e solidão.

Teu olhar me revida
com uma impresentida carícia
referta de promessas e delícia.

Teus olhos escorregam macios
das penumbras dos cílios armados em cílios
e afagam minha pele
erizada em arrepios.

Meus anseios
desvelam tuas vestes
e revelam os empinados penedos
sedosos de teus seios,
sem medos
e sem receios,
e devassam em
tênuos e tímidos acessos
os teus mais secretos
úmidos e diletos recessos.

E eu te desejo mais que tudo,
mas me contenho e me abstenho
e me deixo ficar inerte e mudo...

POEMA DA MULHER AMADA

Amada mulher fatal
o teu amor embora servido
em pequeninas doses é letal
mas eu o tomo lentamente
como um néctar de veneno
em longos e lentos goles (sereno)
como ópio em lenta mente

Mulher amada o teu amor
conquistador e guerreiro me toma de assalto
e nem me deixa a oportunidade
de esboçar o meu espanto
e ensaiar o meu sobressalto

logo após em regressão
a explosão do átomo primordial.

II

Meu anjo da guarda
em sete anjos transmudado
minha guarda de honra revistava
e com sua espada de fogo
ou raio laser
franqueava-me a entrada
da gruta dos leões
enquanto Daniel dormia
à minha sombra.

MARÍTIMA

Do mar eu trouxe
o vento que dança
em torno de meus cabelos.
Trouxe este meu cheiro
de sal, mariscos e maresia.
Vaqueiro fui e fazendeiro
de estrelas-do-mar que
subiram ao céu para formar
constelações e galáxias.
Nas pontas agudas de meus dedos
cintilam fogos-de-santelmo.
Meus olhos têm o brilho
que roubei das ardentias.
Os relâmpagos das procelas
pousaram nas minhas mãos
e nelas se aninharam.
Do ritmo do mar eu trouxe
os meus gestos e o meu jeito de falar.
Num lance de búzios
joguei minha cartada final
em que fui anjo terminal.
Do mar eu trouxe a cantiga
do vento na voz dos búzios.
Sobre o dorso de alados cavalos-marinhos
pesquei sereias malévolas que me
encantaram e depois fugiram.
No vai-e-vem das ondas
busquei o meu gesto de

posse e devolução.
Trouxe o meu beijo temperado
no salamargo de suas águas.
Trouxe tesouros sepultos
nas covas do coração.
Com o mar aprendi meu modo
de caravela: meus dedos
são filamentos que machucam
sem querer, que ferem
sem ter por quê.
Trouxe caracóis que se (con)fundiram
com os caminhos labirínticos que trilhei.
Louros, nunca os tive,
exceto algas em meus cabelos.
Arrebatado por navios fantasmas
conheci várias e inefáveis dimensões.
Nadei contra as correntes marinhas,
mas a elas cansado me entreguei,
despojado da púrpura e do cetro
com que havia lutado.
Trouxe do mar as conchas ilusórias
– multiformes e multicores –
com que minha vida enfeitei.
Mas sobretudo trouxe a vida
na alegria das chegadas
e na tristeza das despedidas.

O POETA E O INSETO

Uma música longínqua
e melancólica cria ressonâncias
na concha acústica de minha alma.
A bebida eu a tomo em longos goles.
Um inseto pousa sobre
a mesa e me faz companhia.
Sorve um trago da porção/poção
(derr)amada. E se embriaga.
A tristeza imensa me deixa cruel:
enxoto o pobre inseto bêbado que
ensaia um atropelado vôo. E cai.
A tristeza continua a crescer e a cair
em minha alma como infiltrações de estalactites
em (f)urna mortuária

GRAN FINALE

Desmanchei
com minhas mãos
que os criara
os deuses em que cria.
Desfiz
a imagem que fizera
da mulher amada.
Perdi a fé em tudo
como quem nada perde.
Depois
gritei, berrei,
chorei gargalhando
e resolvi ficar louco.
Depois de doido,
resolvi tentar a sorte
 sal –
 tan-
 do de cabeça
do alto do arranha-céu.

Parnaíba, 15.06.78

BARRAS DAS SETE BARRAS

*Ao historiador e amigo
Dr. Wilson Carvalho Gonçalves*

Barras ...
Barras do Marataoan ...
Dos cânticos de pássaros
e cântaros e címbalos de águas
em cantatas e cascatas
no rocío róseo-violáceo da manhã.
Barras das sete barras
– candelabro de sete braços de prata
líquida a escorregar macia
no dorso duro das pedras.
Barras do Longá alongando-se
e se estilhaçando em rondas de lãs
 em rendas de espumas
nos bilros das pedras tecelãs.
Terra dos Governadores,
 do desgoverno das dores
das ciliciadas paixões

deliciadas na Ilha dos Amores.
Terra de uns olhos fluidos,
feitos de mágoas, magia e garrice,
embebidos na ciganice das águas.
Terra dos milagres da Alda,
a que morreu virgem,
na vertigem de um sonho
que num átimo se fez e desfez.
Barras da barragem
– miragem verdoenga
de minha origem/aragem avoenga.
Barras de risos e de ais
de sempre e de jamais.
Barras das sete barras
Barras dos sete punhais
de rios que se tecem pavios
e desvários de réquiens
e exaltações, lembranças
e exalações ...

VIDA IN VITRO

andavas pelas ruas de outrora
à procura de ti mesmo
que se encontrava aos pedaços
bêbedo nos bares
aos trancos e barrancos
se arrastando pelos lupanares
tortuosamente andando
pelas ruas tortas.

eras infante e juntavas varapaus
no sonho maluco de tocares
a lua cheia que depressa minguava.

levantaste a túnica da freira
não por sacrilégio ou impudência
mas apenas para constatares se
ela possuía duas pernas e dois
seios como todas as mulheres.

eras infante e quebraste
o João teimoso, não por maldade,
mas para descobrir o misterioso
mecanismo de sua teimosia.

não, não eras doido, não eras lúcido,
eras apenas um translúcido menino.

escondias tuas vergonhas, tuas frustrações
e teus medos, como todos nós, como se esconde
lixo debaixo dos tapetes de luxo.

recordas a menina que te golpeou
com um não, apenas por capricho e maldade.

recordas a garota que te amava
e que desdenhavas talvez por capricho ou vingança.

eras poeta e criaste uma quimérica
amada imortal e imaginária, inatingível
em sua torre de marfim.
ela talvez também te quisesse,
mas a fizeste intocável.

enternecido, lembras-te da empregadinha
que bolinaste, e que por bondade, amor
ou desejo não te denunciou, com alaridos
e gritos histéricos, estridentes.

eras jovem e te julgavas alexandre
e bonaparte, senão mesmo um deus,
e já seguravas a coroa de ouro e o cetro
e já acariciava tua frente o louro triunfal.

tudo eram conquistas e tudo conquistavas.

eras jovem e eras frágil
e te sentias impotente quando
contornavas as calçadas de ouro dos hotéis de luxo
ou quando avistavas a menina rica e bela,
com as suas jóias e as suas roupas elegantes e caras.
não sabias de seus desejos, de suas ânsias
e doenças e de seus nojos de si mesma.
talvez ela te amasse, mas o teu orgulho
a fez afastar-se de ti.

ainda procuras o trolley que desviaste
com teus amigos, para uma aventura sem fim
até que os trilhos paralelos

se tocassem no infinito.

ainda assistes a filmes de bang-bang
só para sentires a emoção do tempo
em que teu pai te levava para o reino
encantado e mágico do velho cine nazaré
que em tua memória ainda remanesce.

sentes ainda o cheiro dolorido e pisado dos alecrins
da paixão do senhor morto, do horto das agonias,
das chagas vermelhas, maceradas, da túnica
roxa, brilhante, da coroa de espinhos, dos cravos,
não os de cheiro, mas os de ferro, que ferem...
eras infante, então, e como sofreste
e como fizeste sofrer tua mãe, madona,
mater dolorosa e pietá sofrida e consoladora
de teus sofrimentos de então e de sempre.

buscas os cheiros embriagantes dos
brancos lírios de são José e das rosas vermelhas
do velho caramanchão de antigamente.
os lírios se transformaram em cálices
de amargura e nas rosas depositas
o orvalho de tuas lágrimas pelo mundo
perdido num canto escuro do passado
e que não restauras, nem mesmo no
terceiro ou no sétimo dia de tua agonia.

a magia da música e dos álbuns de família
te trazem alegres e pungentes recordações
e te fazem viajar no tempo e no espaço
do turbilhão das mesmas emoções.

solitário, no silêncio da noite
pensas nos segredos, vícios
e incestos existentes na cidade,
nas feridas abertas pelos mais acerbos sarcasmos
e nos espasmos de brutais e homéricos orgasmos.

passeias pelos becos e logradouros do passado
e eles te conduzem ao tempo
que buscas em desespero.

perdido e cego caminhaste pelos labirintos,
teseu e minotauro de teu próprio destino,

nos confrontos que travaste com teu ego.

esfinge e Édipo, não decifreste
teu enigma, e em vão buscaste
as pitonisas de outrora e de agora,
e inutilmente foste teu próprio ilusionista.
mas eras sábio e em algum momento
te reencontraste, ao te tornares
mais simples e mais puro,
malgrado as pedras, os lodos e as quedas.

em vão tapaste os ouvidos
para as palavras que te feriram
e inutilmente selaste a boca
para as palavras ferinas que proferiste.

não, não eras anjo nem demônio,
eras apenas um deus de barro
e teu sonho secreto e sagrado
foi sempre a transcendência
mas decepado de uma das asas
foste sempre um anjo torto coxo
capenga no a esmo vôo sem pontaria.

procuras ainda a pedra azul
de tua serra encardida.

esperas ainda no pátio da igreja
o ônibus que sempre vinha
demasiado cedo ou demasiado tarde.

lamentas a namoradinha jovem e esbelta
que envelheceu e engordou.
debalde procuras a sua cintura
para ternamente lhe pousares as mãos.
antes não mais a tivesses revisto.

ainda buscas a namoradinha
de uma noite de verão – ou inverno,
não importa, nada mais importa agora.

caim arrependido, pedes perdão:
já não suportas o onisciente olho do Senhor.

sofres pesadelo pela matemática

que te torturava, e acordas suado, ansioso.

procuras o batente da calçada de outrora
onde te cevaste nos lábios e nos seios da amada.

reencontraste a mulher que te amou
sem esperança, em face de tua indiferença,
e chafurdaste em sua carnívora rosa de carne,
talvez para feri-la novamente,
agora com a fúria e com o tédio.

devias estar feliz. realizaste teus sonhos
de consumo. tens uma boa mulher.
teus filhos são maravilhosos. tens
um bom emprego. no entanto ainda
não estás saciado. esperas um milagre
mas não sabes se os milagres ainda existem.

estás perdido: tens inveja de Deus
e não sabes se é virtude ou pecado.

equilibrista, caminhas com teus malabares
e alforjes por uma corda-bamba estendida
de menos infinito a mais infinito.

caminhas para a morte.
muitos dos teus amigos já são mortos
e te procuram com insistência.

infante, desejavas crescer
para realizares os teus sonhos de conquista.
adulto, queres retornar ao país de tua infância.

não sabes o que queres.
queres apenas morrer, esquecer.
queres viver eternamente num mundo
que não é o teu. contudo, tens esperança
e agora teces um poema sem fim
com o novelo infinito de tua vida
que se desdobra do nada ao tudo...

AUTO-APRESENTAÇÃO

eis como sou
neste instante único

(após o qual já
serei um outro):

um homem que rema
no seco contra
a corrente das águas

um homem que usa
a gravata como
se fora um braço
nas horas de opressão

um homem que escreve
torto por
linhas certas

um homem que sobe
e teima contra
a lei da gravidade

eu sou aquele
que aprendeu
a pecar para
ter a humildade
de não ter uma
virtude

eu sou aquele
que jogou roleta
russa com o tambor
cheio de balas e
apostou contra a
sorte

eu sou aquele
que lutou para
não ser

ETERNO RETORNO

memória:
lâmina de desassossego
cornucópia insana insaciável
a jorrar o passado
que não morre nunca

sempre ressuscitado
no eterno regresso
a nós mesmos.

ó emoções redivivas
e ampliadas
das sensações
de nervos expostos
nas carnes pulsantes
de um passado
sempre lembrado.

recordações
que dão e são vida
de becos escuros, sem saída
de amores
 hoje boleros
 bolors em flores
de ilusões perdidas
que se fazem dores
na florida ferida da saudade.

evocações
de dribles esquecidos
de gols frustrados e acontecidos
de um jogo que nunca termina
de uma malsinada sina sinuosa
de lágrimas caudalosas
incontidas, vertidas
das vertentes profundas
do peito – porto
sem tino e sem destino
feito somente de desatino.

as mulheres amadas
na juventude fugaz
 não envelhecem
 não se corrompem
 não morrem jamais
preservadas intactas e belas
na câmara ardente
incandescente da memória.

recordações de fantasmas
que já nos abandonaram

de amigos mortos
que nos acompanham
cada vez mais vivos
de sustos e gritos
de proscritos e malditos
de agouros e assombrações
de desdouros e sombras vãs, malsãs,
oriundos dos porões escavados
nos subterrâneos dos sobrados
subterfúgios e refúgios
da memória.

O passado poderoso e renitente
retorna e continua vívido e presente
se contorcendo se retorcendo
e se recontecendo.

Teresina, 23.12.94

NOTURNO DE OEIRAS

Meia-noite.
Metade silêncio,
metade solidão.

Atravesso a praça das Vitóriaas
na hora dolorosa das doze badaladas
punhaladas que também me atravessam.

Da casa de doze janelas
doze donzelas me espiam com olhares
que são setas de medo que
assustam e extasiam.

Passadas pesadas
nos assoalhos de tábuas
dos rugosos sobrados se confundem
com o batuque tuc-tuc e
com o atabaque tac-tac
de meu desengrenado coração.

A lua se esgueira e espreita
das frestas das nuvens.

Os fantasmas caminham

solenes, devagar,
visíveis e invisíveis,
seres que são e não são.

No horto do Pé de Deus
visagens rezam contritas.
No horto do Pé do Diabo
assombrações assombram
bichos e visitas.

À distância a casa da pólvora
vigia em sua solidez de pedra bruta.

Nos campanários de antigas igrejas
algum falecido sineiro repica
os sinos para si mesmo.

Uma sonata se evola
de piano que já não existe.
E persiste por pura teimosia.

O suicida se insinua
no vão da escada de vetusto sobrado.
Uma taça de prata tilinta e se despedaça ...

O relógio da catedral
parou no tempo que continua:
a pátina rói as bordas
da ferida do mostrador e
mostra a dor das doze badaladas.

Negros ainda esperam abolição
absolvição nas cercanias do Rosário
pelos pecados que não pecaram.

As pedras antigas do calçamento
são percorridas por sombras
feitas somente de alumbramento.

O vento que passa
não é vento: é fru-fru
de saia de pessoa morta
ou hálito de porta
de casa já demolida.

Da Madona lágrimas escorrem
e chovem sobre os telhados ...

Oeiras navega na noite
de um tempo que não termina.
De um tempo sem medida, fugitivo
de ampulhetas e relógios.

ROMPIMENTO

Dedo em riste,
muito feroz e muito triste,
o homem, grosso e imundo, falou:
– Lembra-te, tu já lambeste meu cu!
A mulher, com gestos abstratos
feitos do mais singelo recato,
elegante e delicada, retrucou:
Lambi, mas não lambo mais ...
O homem quedou-se transformado
em pesada estátua de pedra e dor.
A mulher se foi
– leve e evanescente –
anjo que se libertou.

INSÔNIA

No silêncio abissal
da noite estagnada
a engrenagem pesada
do tempo se desenrola
e desaba sobre mim.

As botas cadenciadas
das horas marcham
- lentas lesmas –
marcham infinitamente
na noite sem fim...

NA NOITE

Na noite
um sapo coaxa.
Uma puta triste
acha graça. Acha graça.
Um galo

às desoras desfere um canto
fora de hora. E chora.
Um cão ladra por nada:
nenhuma cadela no cio.
O silêncio
grita como louco
na concha acústica
dos labirintos dos ouvidos moucos
por onde um Teseu lasso caminha
em busca do Minotauro – perdido
sem o fio de Ariadne –
conduzido por outro fio
que parte / se parte e
se reparte entre o ser
e o não ser.
E os gritos de Teseu
arrancam ecos
que já ecos de si mesmos
se repetem se repetem
até a mais completa
absoluta exaustão.

LÍRICA 2.222

Eu vi teus olhos
de pedras verdes musgosas,
dissolvendo-se em líquido
no verde móvel do mar.
Teu corpo vi tomando
a forma da praia
e a tua voz assumindo
a cadência da música
das ondas.

De você me veio
uns longes veios de saudades
e maresias
invadindo meu ser.

Os teus cabelos
eram loiras algas,
encrespadas em ondas do mar.

As curvas
da terra e do mar

são apenas projeções
da poesia selvagem de teu corpo.

Sim, sinto ainda te amar
a leste, oeste, ao vento e ao mar,
com a mesma paixão incontida
de um gesto feito de raiva,
do tempo em que eu tinha
a inocência e o pecado
de um deus feito de pedra.

Pba, 19.03.78

REALIDADE FANTÁSTICA

Velhas borboletas empoeiradas
saídas do fundo dos baús.

Velhas borboletas obsoletas
e de
asas

enferrujadas querendo
aprender de novo a arte de

bor- bor- bor-
bo- bo- bo-
le- le- le-
to- to- to-
a- a- a-
vo- vo- vo-
ar. ar. ar.

Lâmpadas

votivas destroçadas, estrelas
cadentes geladas, luzes
apagadas pelos inimigos da
claridade.

Antigos

alfarrábios cheios
de traças e cupins
com as amarelas
páginas dissecadas
reescritos.

VENTO NA ALMA E NOS CABELOS

De Parnaíba jamais esquecerei
o vento dedilhando a harpa eólia

da palma dos coqueiros
e uma música divina destilando.
Jamais esquecerei a ventagonia fiando
e desfiando os novelos de meus cabelos
encrespados em espumas e salsugens
e arrastando minha alma
– veleiro de aventureiros e corsários
bandoleiros e libertários –
pelo largo mar onde
onda após onda
o sonho vai quebrar.

Pba. 29.07.89

AS MOSCAS E O TEMPO

Moscas douradas
copulam no ar
e tecem teias
com fios longos de pensamentos,
que se perdem
em passado sem história
e em futuro sem
perspectivas.
Moscas vermelhas
copulam no chão
e as mulheres
surgem no matagal
e as camas estremecem
nas alcovas.
Moscas azuis
copulam no céu:
só existem
anjos e arcanjos
onde a matéria
não existe.

Pba, 02.04.78

ELEGIA A CAMPO MAIOR

Na paisagem plana do tabuleiro
campeava sozinha a solidão.
Ao longe, nas manhãs de inverno,
a serra cachimbava suas névoas.

As névoas se misturavam com as nuvens
que rondavam sobre o cume.
As águas mortas do açude
tudo viam e tudo refletiam.
À tarde o aboio dolente do vaqueiro
partia a solidão que tudo presidia.
E o aboio sem resposta
– eco de si mesmo – repetia-se e se extinguia.
O canto rascante e áspero de grilos e cigarras
arranhava o veludo macio do silêncio.
Os cupins espalhados pelo tabuleiro
eram pedras de um jogo em que a
tristeza jogava paciência com a solidão.
E a palma da carnaúba acenava
para vivalma que nunca partia ou
para um fantasma que jamais chegava.
O menino em seu cavalo de talo de carnaúba
campeava seu rebanho de nada
pela fazenda do não-ser.
Campeava seu rebanho de bois de jatobá
por entre manadas de formigas
que pastavam tapetes de babugens
por entre cupins que erigiam moradas
de solidão na solidão da chapada.
E a serra se erguia do plano descampado
cachimbando suas névoas
para um céu que sequer olhava.
Cachimbando suas brumas
como um Sinai que fumegasse.
Diz a lenda que a serra é uma cidade
encantada. Diz o povo que em suas encostas
vagam fantasmas penados em busca de furnas
de ouro. Mas nas cavernas apenas a onça
faz morada.
Mas o menino ainda assim esperava pelo
desencantamento da serra em vão esperado.
Porque o menino era um poeta
que campeava pelo campo do sem fim
o seu rebanho de sonho e solidão.

SOU POETA

Também sou poeta,
Alcides Pinto,
sou poeta.

E estou de mal com a vida
que nos acena
com miragens
que jamais irá cumprir.
Sou poeta, Alcides Pinto,
nunca neguei, sou poeta.
Mas sou puto com a vida,
megera encarquilhada
que nos acorda dos sonhos
que sonhamos acordados
pelo prazer de ser ma'drasta.
Sou um poeta
da vida, das putas,
das lavadeiras, dos ladrões,
dos assassinos, dos botequins
de cachaça, das (in)confidências
mineiras, dos deserdados da sorte,
dos enteados da vida.
Sou um poeta
das putas
mas não sou pu(e)ta
dos políticos
que tanto mentem
pro povo
que tanto enganam
o povo.
Não sei de
 física.
Não sei de
 metafísica.
Sei de
 metabolismo basal
e sei que o povo
passa fome.
Sei que
algum dia o
te'ar'pão
virá tecido no (te)ar
pelo arpão do povo
e pão haverá.
Sei que
alguma coisa está errada
porque o povo era pra ser
tudo
e agora não é nada.

Sei que
existem pássaro e flor
e sei
que o amor existe:
mas pássaro é canto, é liberdade,
e flor é vida, é alegria,
e o amor é tudo
mas tudo
está morto e triste
como uma catacumba
encravada
nas masmorras do inferno.

Quero
aproveitar a oportunidade
para comunicar a quem interessar
possa ou não, e deixar registrado
– ad infinitum –
com certidão passada em cartório
que o sofrimento do povo me deixa
triste e me incomoda, e que
– saibam todos – no dia em que eu
disser o contrário o irártnoc
nesse dia – por medo – estarei
mentindo (e por favor não me
acreditem/creditem)
ou então
me terão feito
uma lavagem cerebral.
Sou poeta,
Alcides Pinto, sou poeta,
juro que sou poeta.

PINTURA

Minha estrada
é a esteira de luz
que o Sol traça no mar.
Meu arco-do-triunfo
é o arco-íris
que o Sol pinta no céu.
Meu louro
é o pentelho dourado
que cobre tua nudez.
Então eu:
laureado com tua pubescência de ouro

percorro a estrada de luz do sol no mar
passo por baixo do arco-íris-do-triunfo:
herói anônimo que se venceu a si mesmo.

COISA NENHUMA

Meus olhos jogados ao
acaso como pedaços
de espelho quebrado.
Meus cabelos arrancados
flutuando como
cabelos do vento.
Minhas mãos decepadas
acenando em vão e em vão
apertando coisa nenhuma.
Minha cabeça atirada
numa lata de lixo
onde o lixo era ela.
Minhas células espalhadas
por uma tempestade que
partiu de mim.
Os pedaços de meu
corpo mutilado depois
se agregam como antes,
exceto a cabeça.
(Ai! Dalí, Dalí, Dalí...
O meu corpo sem cabeça,
como o Farmacêutico de Ampurdán,
anda à procura de coisa nenhuma.)

Parnaíba, 78

AMOR CONCRETO

no vór-
 ti-
 ce voraz
dos abrasados amantes abraçados
o amor se faz
in-tenso e tenaz
no êmbolo inserido no
 ver tiginoso
 vér ti
 ce
inver tido

Te. 05.12.92

METAPOEMA

As meadas e as palavras
são labirintos e teias.
Nelas os poetas se elevam;
nelas as moscas se enleiam
e se debatem em vão.
Os poetas são.
As moscas, não.

MUSA MEDUSA

Sem arautos
sem pajens e sem bagagens
inesperadamente chegaste
sem anúncios e sem presságios
egressa de sonhos e miragens
e tão inesperadamente te foste
no mesmo sonho que te trouxe.
E na dor
intrusa que me restou
a Musa se fez Medusa.

Te. 09.08.95 – 1h

3 POSTAIS DE PARNAÍBA

POSTAL I

As águas podres
da vala da Quarenta
tomam banho nas águas puras do Igarapu,
nas imediações da Munguba,
onde bêbados pobres de dentes podres
dizem coisas doces por entre
o bafo azedo de vômito e de cachaça.
Um bolero, o tilintar de copos, os ruídos
da noite e os gemidos de camas e casais
completam as cenas e o cenário.

POSTAL II

No cais da beira-rio
lavadeiras sem roupas
lavam as roupas dos ricos.
O vento brinca de pegar
parelha com o Igarapu
e venta vadio no ventre
das velas dos veleiros e
verga suas vigas entre
vagidos e volatas.
À noite filhos-de-papais
tomam cerveja e Coca-Cola
encostados nos carrões,
enquanto as lavadeiras
passam as roupas lavadas.
A noite passa. Passa o vento.
Passa o rio, o riso/rosa
rápido passa.

POSTAL III

Hoje o Porto Salgado
sal' do nominal
do naufrágio
de uma barcaça de sal
é salamargo na lembrança
dos vareiros e embarcações.
E a água do Igarapu
é uma lágrima de saudade
(ou sal' dade?)
do fastígio de outrora.
Os parques barcos são
poemas de chegadas e partidas
e símbolos da decadência.

PERDIÇÃO

Por mares de sargaços e enganos
perdi-me na rota
de estranhos portulanos
feitos por arcanos d'antanho.
Por causa de lábios
que falavam de amor
seguindo incertos astrolábios
soçobrei nas tormentas
de algum cabo Bojador.

Egresso de Sagres
dancei a Dança dos Sabres
no mapa de meu destino.
Nas garras da ventania
joguei um jogo de morte
em que tudo se perdia.
No derradeiro naufrágio
encontrei enigmas e presságios
nos búzios que no abismo havia.
E tudo se findou
num veleiro encalhado
em mar de absoluta calma.

Te. Dom. 07.10.90 – 03h

LAGOA DO PORTINHO

As dunas de alva areia
parecem um encantamento
onde encantada sereia
viesse seu (en)canto soltar.
Na beira da lagoa
uma trigueira lara
no espelho de água clara
fica a se pentear,
desfiando longa mágoa
de rainha e de mãe d'água.
O sol joalheiro arranca
das filigranas da água
cintilações de jóias e de
estrelas nas noitescuras
sem lua lua luar,
enquanto em canto
a brisa dedilha
na lira lírica
das palmas dos coqueirais
músicas de (a)mar e (sonh)ar.
Veleiros de velas aladas deflagradas
hibridoanfibiamente passam
em elegante naveoar.
A lagoa e as dunas de areia
têm curvas caprichosas
como a geografia das lindas mulheres fatais.
Meu
sonho/nave navega

nave na vaga do vento
no descaminho
do alumbramento
e da magia da
Lagoa do Portinho.

DESIDERATA (*)

(colagens)

Bebe teu vinho,
come teu pão,
agradece pelos amigos
e apazigua teu coração.
Nada temerás,
pois o Senhor é teu pastor
e nada te faltará.
Nas mãos de Deus deposita
teu coração e descansa.
Sem o sal sutil e sublime do amor
os mais sagrados sentimentos serão
simples sinos de latão.
Muitas pessoas, assim como as estrelas,
precisam apenas ser percebidas.
Dá-lhes um pouco de atenção.
Mesmo as mais longas e heróicas jornadas
começam com o pequenino passo inicial.
Começa, pois, tua missão.
Observa a beleza das coisas e sê belo,
ao menos em espírito ou no desejo de ser.
Distribui prodigamente o teu sorriso
e a tua palavra amiga, que nada te custam,
e no entanto têm valor incalculável.
Vive o tempo presente,
da melhor forma que puderes.
Não te perturbe o passado,
fantasma que não virá, nem o futuro, espectro
das coisas que ainda virão, se é que virão.
Sê bom e caridoso contigo mesmo:
lança o bumerangue da bondade e da caridade,
que te há de retornar maior e melhor.
A ninguém te compares,
para que não fiques vaidoso ou amargurado,
porque hão de existir
maiores e menores,
melhores e piores do que tu.

Diz a tua verdade e a dos outros escuta:
todos têm a sua verdade, mesmo os tolos e insensatos.
Foge do ruído e da pressa e mergulha na paz do silêncio.
Evita os barulhentos e agressivos,
para o bem de teu espírito.
Sem deixares de ser tu mesmo,
mantém boas relações com todas as pessoas.
Desfruta de teus êxitos e de teus projetos.
Por mais humilde que seja,
mantém o interesse em tua profissão,
pois ela é a tua dádiva e a tua fortuna.
Por causa dos enganos e armadilhas, sê cauto,
mas não esqueças que a virtude existe e predomina.
Em todo lugar existe bondade e heroísmo.
Não enganes a ti mesmo e não finjas afeto,
mas não sejas cínico no amor.
Malgrado as asperezas e desenganos,
o amor é perene como o próprio tempo
e nenhum dom é maior do que ele.
Segue o conselho dos anos, e ativa
e docilmente abandona as coisas da juventude.
Aprimora e cultiva a força de espírito,
para não fraquejares na adversidade.
Muitos temores são filhos da fadiga e da solidão.
Sobre uma benéfica disciplina,
sê tolerante contigo mesmo e com os outros.
Assim como as plantas e as estrelas,
és uma criatura do Universo
e mereces estar aqui.
Ainda que te pareça errado,
o Universo se desenvolve como deveria.
Mantém a paz com Deus,
como quer que o concebas.
Não obstante todos os percalços
e acidentes de percurso,
mantém a paz com tua alma.
Apesar das ruínas
e dos sonhos malogrados,
este é um mundo maravilhoso.
Sê prudente e esforça-te
para ser feliz.

(*) *Poema baseado na Bíblia, na Desiderata de Max Ehrmann e em outros textos.*

AUTOBIOGRAFIA

Após seguir os mais ásperos caminhos,
Napoleão avesso, eu próprio me coroei
com uma coroa de cravos e espinhos.
Subi montes, rompi charcos,
atravessei grutas sem luz,
com os ombros esmagados
ao peso de férrea cruz.
Em noites de névoas e luas
sofri e cantei perdido nos lupanares.
Em dias de sol escaldante e incandescente,
fui casto Dante
e Baudelaire delirante e indecente,
pelas tardes mornas de ressacas e orgias.
No Olimpo a que subi em busca
dos mitos, à procura de Zeus,
pregaram-me numa cruz onde
puseram irônica tabuleta: “Rei dos Judeus”.
Por frígida e pálida manhã,
envolto em solidão e neblina,
rasguei e perdi minha toga purpurina.
Cheio de ódio e de amor,
sorvendo taças e mais taças
de bebida balsâmica e malsã,
nos bordéis de Eros, nos templos de Pã,
e nos palácios dourados de Mefisto,
onde sucumbo e resisto,
no meio de mentira e desengano,
fui Satã,
fui Cristo,
fui Humano.

Te. 17.11.95 – 04:25h